

O Arauto *da santidade*

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE JULHO DE 1979

**“Não se fará mal
nem dano algum
em todo o monte de minha santidade,
porque a terra se encherá
do conhecimento do Senhor,
como as águas cobrem o mar.”**

—Isaías 11:9.



Chamam-nas a "respiração da amizade". Cartas materializam uma presença e sentimentos de que a distância ou circunstâncias nos privaram.

Anunciou-se há dias o leilão de algumas cartas de celebridades. Espera-se que atinjam quantias fabulosas. Mais que livros e tratados, elas espelham a alma dos seus autores. Revelam tendências e confessam relações. Torna-se forçosa a consulta das cartas de vultos importantes da História para melhor interpretação dos seus actos públicos.

Cartas são boas portadoras de mensagens íntimas. Não começam elas quase sempre assim: "Meu caro Alfredo", "Minha querida Alice"? Parecem seleccionar, dentre mais de quatro bilhões de pessoas da terra, uma, uma só a quem um momento todo é dedicado. Mesmo quando recebida e aberta na vastidão de edifícios dos correios modernos, a carta aconchega e cria uma intimidade singular: "Meu bom amigo"; "Querida sobrinha"; "Meu Amor".

A Carta de Cristo

—Jorge de Barros



Escrevendo aos cristãos de Corinto, o apóstolo Paulo deu um título a todos os presentes e futuros seguidores de Jesus Cristo. Disse: "Vós sois a carta de Cristo" (II Coríntios 2:3).

O título impressiona pelo Autor e pelas implicações naturais do símbolo.

Que mensagem solene tal carta trará, vinda do próprio Deus?

Quanto mais pensamos nela, mais nos penetra a imagem do elevado conceito das Escrituras pela pessoa humana. Reafirma a nossa individualidade e a afeição particular de Deus. Não deixa terreno para complexos de inferioridade. Somos cartas de Jesus Cristo.

Cabe-nos, agora, analisar que espécie de mensagem demos hoje às pessoas que nos cercam.

Indiferença? Altivez? Amargura? Derrotismo?

Infelizmente, esquecidos da honrosa missão — ser carta de Cristo — temos por vezes sugerido mensagens que são estranhas ao coração de Deus.

Cartas de Cristo falam da Sua amizade por cada pessoa do universo. Dão a mensagem da ternura redentora. Traduzem a santidade da Sua natureza. E essa mensagem é constante, como a letra de uma carta: não muda com os lugares ou as ocasiões em que é lida — diz sempre o mesmo.

Que responsabilidade o título "Carta de Cristo", traz a cada cristão! A mensagem proclamada pelo nosso andar, viver e falar, não pode comprometer a do Autor da carta. Nem, tão pouco, pode ser negada a milhares que precisam hoje dela.

Já vi pessoas desanimadas abrirem a caixa do correio ou receberem uma carta do carteiro, e passaram logo por uma transformação notória: sorriem e se alegram ante a caligrafia de alguém querido. Tornam-se comunicativas.

Seguidores de Jesus Cristo são portadores de boas novas. Espelham a santidade como acessível estilo de vida. Os que lêem a sua mensagem, levantam a cabeça e respiram o ar revigorante da esperança. Aprendem também a gostar da vida. □

SANTIDADE

SANTIDADE

SANTIDADE



—Charles H. Strickland
Superintendente Geral

Todos os ministros nazarenos devem pregar a doutrina da santidade. Na cerimónia da ordenação prometem viver, proclamar e ensinar as doutrinas fundamentais da Bíblia. A santidade é central na nossa teologia Wesleyana.

No entanto, os pregadores da santidade não se tornaram guias só pelo facto de terem feito promessas. Os verdadeiros pregadores da santidade são impelidos por convicções religiosas que nascem de uma vida interior santificada pelo Espírito Santo. Para eles, a santidade é uma experiência que deve ser procurada e vivida. Essas convicções têm prioridade na sua vida e temas de pregação. Questões de interesse actual conservam o seu lugar próprio, mas a santidade tem prioridade no ministério pastoral e de evangelização.

Isto não conduz a um ministério restrito, pois existe grande esfera de acção na apresentação da mensagem de santidade. As doutrinas principais da Bíblia acham-se ligadas a ela. A redenção, o pecado, a salvação — e todas as relacionadas com a experiência cristã — são-no com a santidade. Igualmente, as doutrinas da vida cristã e de evangelização. Além disso, a doutrina da Igreja e a sua vitória final na segunda vinda de Cristo têm ligação com a santidade. Pregador sobre ela e vivê-la é descobrir as maravilhosas verdades bíblicas relacionadas com a revelação total de Deus ao homem.

Exaltemos a Cristo — o nosso Salvador que santifica. Preguemos com convicção sobre a santidade. Que a mensagem seja clara, compreensível e bíblica. Que seja proclamada como uma experiência e um estilo de vida. Que traga um avivamento refrescante à nossa bendita Sião. □

Volume VIII
1 de Julho de 1979
Número 13

CAPA: Foto por H. Novaes.

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

O ARAUTO
da Santidade

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P. O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

adorno ou instrumento útil?

—Carl N. Hall

“Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna” (João 4:14).

Há meses, os bombeiros de certa cidade, pintaram uma chave hidráulica colocada diante duma casa. Pouco depois voltaram para ver se funcionava bem. Quando tentaram abri-la, caiu. O dono instalara essa antiga chave hidráulica contra incêndios, como sim-

ples adorno. Os bombeiros pediram-lhe que a retirasse para não causar mais enganos.

Do mesmo modo, os cristãos podem ser “adornos” ou “instrumentos úteis”. A religião de alguns é apenas exterior. Depende de outras fontes, como os ribeiros que se formam com água das chuvas. Esta espécie de religião consiste em actos superficiais. Não aceita a obediência como algo agradável, mas como medicamento. Quando o crente não

se submete à vontade de Cristo, o resto é de pouco valor, pois só procurará atrair a atenção dos outros. Tudo é em vão, se não se tem fé na fonte inesgotável do Espírito Santo.

Uma chave hidráulica contra incêndios é inútil se não está ligada à tubagem de água da cidade. Só desse modo funcionará como instrumento útil.

Jesus usou objectos, acontecimentos, práticas e costumes para ilustrar e ensinar verdades espirituais. Referiu-se à sede e à água para mostrar a necessidade de salvação. Ele disse à samaritana que não pensava dar ao homem apenas “um copo de água”, mas “uma fonte de água que salte para a vida eterna” (João 4:14).

A regeneração é uma experiência, “uma fonte de água viva”. O Dr. Jessop diz que “esta fonte nos beneficia e dessedenta de tal maneira que nunca mais teremos sede”. A experiência exterior transforma-se em fonte interior. Mayfield comenta: “Os poços estagnados da alma converter-se-ão em fontes de água cristalina”.

A experiência da inteira santificação torna-se em “rios de água viva”. W. T. Purkiser diz que “a santidade não é um tanque de água, mas um tubo ligado directamente ao depósito principal”. A vida cheia do Espírito caracteriza-se pela abundância. O que antes era superficial e limitado converte-se em interior, dinâmico e transbordante. F. B. Meyer afirmou: “A pessoa que aceita a plenitude de Deus, susfrui das fontes da vida eterna e não corre o perigo de ser enganada por aguaceiros”.

Os “rios de água viva” (João 7:38) produzem água abundante, a qual jorra da alma do crente santificado, que recebeu a plenitude de Deus e está disposto a testificar. H. R. Reynolds diz: “Todo aquele que bebe a água da vida converte-se em fonte perene para os outros”. O Dr. Forman Lincicome observava: “Os rios de

água viva fazem do homem um sistema de irrigação". Há grande diferença entre poço, fonte, rios e correntes. As duas primeiras palavras significam a bênção que se recebe e as últimas, a bênção que se compartilha com outros. Não se pode dar nem uma gota de água viva ao mundo, enquanto ela não transbordar da alma.

Reynolds explica que "estes rios de água viva são os desaguardos da vida espiritual". À semelhança do rio de Ezequiel, que não jorra para dentro mas para fora; e derrama torrentes de bênção nos desertos secos da vida. Simpson comenta: "A água dessa fonte torna-nos simples, amáveis, generosos e animados no Senhor, de modo que as nossas palavras e acções testificam de uma vida plena e levam outros a desejarem a mesma bênção". E conclui: "Dirijamo-nos a Ele e bebamos até os nossos corações ficarem cheios para podermos socorrer os tristes, os que sofrem e carecem de ajuda.

Sabe você o que significa estar contente? Ou comunicar a outros o que recebeu do Senhor? Consagre-se a Deus sem reservas. Tire da sua vida tudo que ocupa o lugar que pertence ao Espírito Santo. Deixe de pecar e renuncie a si mesmo. Obedeça à voz de Cristo. Com a plenitude do Espírito Santo os "rios de água viva" jorrarão na sua vida.

Quem não é salvo, não crê, não ama e não usufrui da "água viva", recusa beber da fonte que Jesus abriu. Quando nos entregamos ao Senhor, as cisternas de água estagnada convertem-se em "fonte de água que salte para a vida eterna". Ao consagrarmos-nos essa fonte transforma-se em "rios de água viva".

Logo que se inicia uma vida positiva abundante, começa a maturidade espiritual. O que antes era simples fonte, agora é rio de bênção para os outros. Em vez de ser um adorno, o crente torna-se instrumento útil. □

crise ou processo?

—Aarlie J. Hull

Estamos numa época em que toda a gente se refere ao Espírito Santo . . . em livros, revistas, cultos especiais, cassetes, seminários, etc.

Num dos seus livros, John T. Seamands diz que há dois enganos relacionados com a santificação ou vida no Espírito. O primeiro refere-se ao conceito de que se pode ser cheio do Espírito Santo como resultado do crescimento espiritual; portanto, é um processo gradual. O outro diz que, embora haja muitos passos na preparação desta experiência, não se obtém por crescimento. É uma crise.

"Na vida cristã chega o momento em que sentimos a necessidade de uma obra mais profunda do Espírito. Entregamo-nos totalmente e confiamos que Deus nos encha com o Espírito Santo. É uma crise como o é o novo nascimento, isto é, a conversão."

Por outro lado, equivocamo-nos se cremos que a plenitude do Espírito é só uma crise, uma condição espiritual, instantânea e definitiva, sem crescimento. "A vida cheia do Espírito é tanto uma crise como um processo", explica Seamands.

A vida cristã é dinâmica e progressiva. "Manteremos a plenitude do Espírito, se não permaneceremos num nível estático de santidade."

Como podemos conservar uma vida plena, cheia do Espírito Santo? Da mesma forma que a recebemos: por meio da fé e inteira consagração.

A consagração, bem como a santificação, é uma crise e um processo contínuo. "Há um momento em que nos entregamos completamente pela primeira vez na vida; mas, depois desse acto, continuamos em atitude de consagração e obediência diárias."

Seamands acrescenta:

"A luz que o Espírito Santo lança na nossa vida, não é como um farol, que com o seu fulgor revela todos os pormenores que não Lhe agradam. Isso seria demasiado forte. O Espírito funciona como um réastato que vai acendendo a luz pouco a pouco. Com maior clareza, mostra mais áreas da vida que precisam de se ajustar à vontade de Deus. Embora já tenhamos pronunciado o "sim" no altar da consagração, agora acrescentamos outro: "Sim, Senhor, isso também to entrego". E continuamos com gratidão: "Senhor, não tinha notado esse defeito na minha vida. Agradeço que mo tenhas revelado. Estou pronto a obedecer-Te."

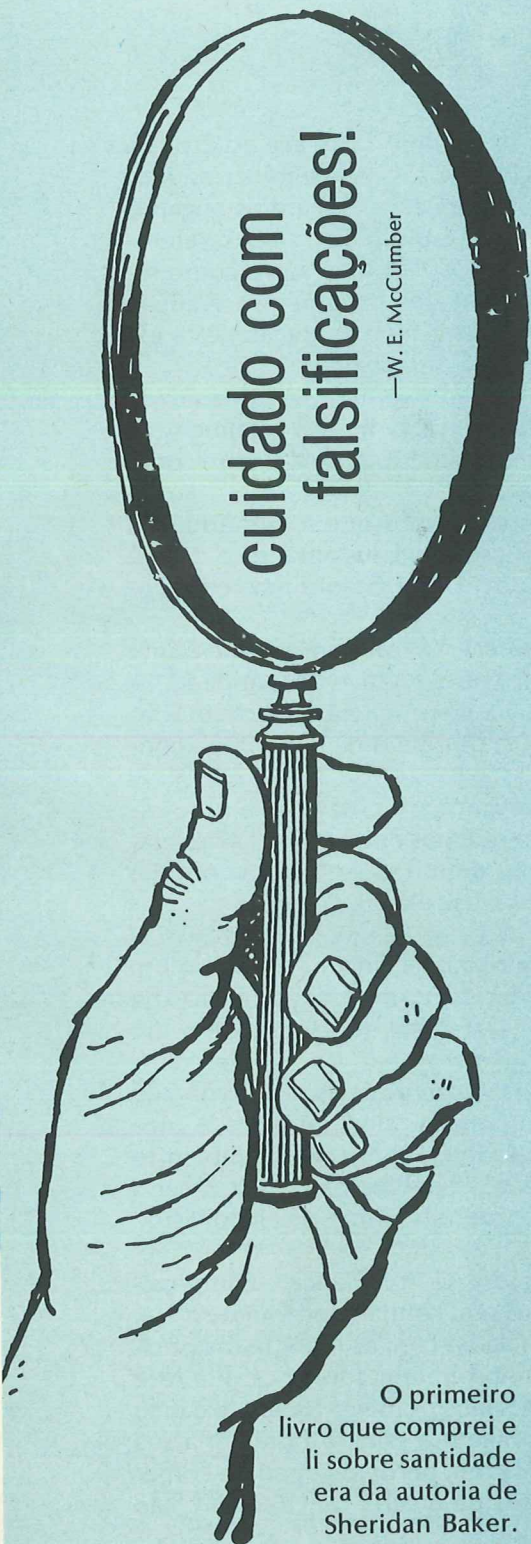
Para esta espécie de entrega requiere-se "confiança". É impossível consagrar-se completamente a Deus sem confiar plenamente n'Ele.

Tem você observado alguns pais a nadar com os filhos numa piscina? Vão para a parte mais funda para inspirarem confiança que leve os meninos a saltarem para a água. Os filhos primeiro tomam balanço na margem, depois enchem-se de coragem e saltam. Confiam a sua vida aos pais que sempre os sustentam. Por fim, perdem o medo e começam a saltar sem ajuda . . . com gritos de alegria . . . e, assim, vão crescendo.

Deus diz-nos: "Confia em mim. Tem a certeza de que velo por todos os teus interesses e nunca te abandonarei. Dirigir-te-ei se Me reconheceres e confiares em Mim".

Compreenda bem. Você nunca poderá consagrar-se, se não confiar totalmente em Deus.

Confie-Lhe a sua vida. Entregue-Lhe o futuro e todo o ser. □



cuidado com
falsificações!

—W. E. McCumber

O primeiro livro que comprei e li sobre santidade era da autoria de Sheridan Baker. Embora publicado há muito tempo, contém ainda uma mensagem proveitosa.

Chamou-me, principalmente, a atenção o capítulo intitulado: "Santidade — Suas Falsificações". Nele, o autor diz que "a santidade, como todas as coisas boas e de valor, corre o perigo de ser adulterada". A seguir explica quatro falsificações:

1. "Forma débil e doentia da santidade." Refere-se aos cristãos que professam a santidade, mas que praticam uma religião "fácil e indulgente, remedeio da santidade que se deixa levar pelo mundo". Em geral, são pessoas ricas que não querem que se lhes diga nada negativo acerca de bens materiais e prazeres sensuais.

Baker chama-as "fanáticas da santidade", pois desejam desfrutar dela nesta vida e ter o céu, na outra — mas sem "problemas, sem levar a cruz nem negar-se a si mesmas". O Dr. J. B. Chapman definiu o fanatismo como a "espera de resultados sem se preocupar com as suas causas".

2. A segunda falsificação é oposta à primeira: "Santidade agressiva e, até, ofensiva".

Os que apoiam esta forma de santidade "são tão rígidos e severos que a sua presença atemoriza os outros crentes". Estão constantemente a denunciar mais alguém. Procuram imitar a severidade de Jesus, quando repreendeu o pecado com palavras enérgicas. Mas esquecem que "a austeridade em Jesus foi excepção, enquanto que a misericórdia constituiu a Sua característica principal". No seu zelo pela justiça e rectidão, esses legalistas "ofendem, atacam e criticam os outros com prejuízo para a causa da santidade".

3. A terceira falsificação é "uma forma de santidade triste e melancólica".

As pessoas que o autor coloca nesta categoria "carecem de entusiasmo e lamentam constantemente a condição da igreja, do mundo e dos crentes". Andam vestidas de luto, choram e queixam-se por tudo e de todos.

É certo que quem aborrece o pecado tem muito de que se queixar neste mundo. Mas o Senhor disse aos discípulos que recuperassem ânimo, que estivessem alegres. No Novo Testamento fala-se dum espírito de alegria e regozijo que nem a prisão, nem as torturas, nem a morte puderam eliminar da igreja primitiva. No entanto, muitos crentes não se podem regozijar "na prosperidade, quanto mais na adversidade!"

A razão dada por Baker é que o seu coração se encontra dividido. É demasiado mundano para tomar a cruz de Cristo, e demasiado piedoso para se entregar ao mundo. Por isso vive em contínua frustração e decepção.

4. Por último, o autor apresenta uma "santidade amargurada".

Aplica esta frase àqueles que professam a santidade, mesmo tendo-a perdido. Não admitem a sua falta nem o vazio do seu coração. Ficam neuróticos e muito sensíveis, "ofendendo-se facilmente. Os amigos e familiares procuram cuidadosamente não dizer nada que os possa melindrar." Mas o problema principal reside no coração. Não têm "amor, paciência ou bondade para desculpar as faltas alheias". Sentem-se magoados com as coisas mais insignificantes.

Baker afirma que estas falsificações ou adulterações da santidade provêm duma causa comum — descuido do conselho do Salvador: "Aprendei de mim". O ideal da santidade cristã é a semelhança com Cristo. Precisamos de descobrir como ter comunhão com Deus e com os irmãos. O princípio do amor, da recta intenção e do serviço, deve ser o Espírito Santo que pode viver, purificar e capacitar o nosso coração.

É possível que o livro de Baker esteja "antiquado". Todavia, não despreze muitas pessoas que você conhece? Não se referirá também a você? Nada há mais atractivo que a verdadeira santidade; mas, do mesmo modo, nada mais repulsivo que a santidade falsa. □

santificação e emoção

—H. T. Reza

Duas coisas me levaram a escrever este artigo. A primeira é que acabo de ler um livro sobre a vida de santidade, intitulado *O Espírito de Santidade**

Lewis Cattell, autor do livro citado, diz:

"Infelizmente, a ênfase dada à santidade em muitos círculos confunde-se com o emocionalismo exagerado. Por causa dos muitos perigos que existem nele, devemos encará-lo com franqueza e disciplina.

"O primeiro perigo é perder a sinceridade ao cair na imitação da emoção. Há quem acredite que não surgindo no culto certa qualidade de emocionalismo, não haverá verdadeira bênção. Crêem que o culto deve ser barulhento e sobrecarregado de emoção. Pedem a Deus, em gritaria, que perdoe a frieza formalista da igreja sem notarem que esta forma de orar também é formalismo... Os irmãos que pensam que não há liberdade do Espírito até todos os crentes gritarem e chorarem, deveriam perguntar-se se o Espírito Santo não terá suficiente liberdade e espontaneidade para os inspirar a ficarem algumas vezes sossegados."

"O segundo perigo", diz Cattell, "é procurar as emoções em vez de Deus. Mas não busquemos o êxtase como caminho para Deus nem, muito menos, pensemos que o êxtase é Deus.

"Todavia, o maior perigo do emocionalismo está na perda de energias. O seu propósito é ser impulso para a acção." Mas se dedicarmos todo o tempo à emoção, nada teremos para trabalhar no serviço de Deus, ou, então, fazemo-lo com o corpo cansado. O crente sábio procura servir a Deus como expressão de suas emoções e disciplina.

Aqui se encontra o miolo do assunto.

A segunda coisa que me levou a escrever este artigo foi a Convenção Nacional de Santidade que se realizou há meses no México.

Durante ela reinou um ambiente de optimismo e de franca espiritualidade. Eu nunca tinha presenciado coisa semelhante nas nossas igrejas, desde 1918. Assisti a cultos cheios de emoção e promessas, mas não em ambiente sério de estudo sobre a doutrina da santidade. A meu entender esses dias foram excepcionais e marcaram um ponto de partida para o futuro da nossa denominação.

Mas, os que assistimos à convenção, lá encontramos os perigos mencionados por Lewis Cattell no seu livro. Convém evitá-los.

O crente deve viver completamente dependente do Espírito Santo. Com Ele não podemos regatear. Nem passar por alto Seus

requisitos. Se deixarmos que Ele seja nosso Companheiro e Amigo, sê-lo-á para sempre.

Ele deseja convencer o homem do seu pecado. Se você já está consagrado a Deus, não fique isolado. Obedeça às insinuações do Espírito.

Ele quer levá-lo à conversão. Se ainda não é crente, peça a ajuda do Espírito Santo. Não O rejeite.

Deus deseja purificar o seu coração do pecado original ou inato. Se não se considera inteiramente santificado, isto é, se não sente que o Espírito Santo eliminou o pecado da sua alma para que você possa viver cristãmente, procure essa bênção hoje mesmo. Ponha de lado preconceitos.

Finalmente, saiba que Deus anseia ser seu Consolador, Guia e Ajudador. Não dependa de suas emoções, nem recuse o conselho e amizade que elas podem dar. As emoções passam; a experiência permanece quando alimentada pelo Espírito Santo. □

Um livro dinâmico que revolucionará a sua vida.



Preço
U.S.
\$1.50

Sete capítulos absorventes:

- I. O Elemento Tempo na Salvação
- II. A Santificação do Eu
- III. A Vida Controlada pelo Espírito
- IV. A Direcção do Espírito
- V. Orando no Espírito
- VI. A Unidade do Espírito
- VII. Definição do Amor

Encomende hoje o seu exemplar à
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES.**

No antigo Médio Oriente, houve sempre conquistadores e conquistados. Em geral, os conquistadores eram países fortes, capazes de governar impérios, enquanto que os conquistados eram fracos, e impossibilitados de se manterem independentes ou de anexar qualquer território vizinho.

Cada povo conquistador procedia a seu modo. Vejamos dois exemplos do segundo milénio antes de Cristo, na época formativa de Israel: os egípcios e os hititas. Os faraós do Egito nomeavam oficiais que governavam com mãos de ferro e viviam nos territórios conquistados. Os reis hititas, por seu lado, firmavam convénios ou tratados com os súbditos e esperavam o seu cumprimento. Geralmente, o rei hitita "não interferia nos assuntos internos dos estados subjulgados, a não ser em caso de violação do contrato". Ele era o "grande rei" e governava o seu império obrigando os governadores dos territórios anexos a prestar-lhe vassalagem.

Se os vassallos fossem leais e obedientes, o rei defenderia todos os seus interesses.

A forma de soberania do tratado hitita, forneceu o modelo utilizado no Velho Testamento para descrever a relação entre Israel e o seu "Grande Rei". Jeová era o "Grande Rei" e a comunidade israelita, os vassallos. Fundamentalmente, o pacto baseava-se no princípio de lealdade a Deus.

A fidelidade ao soberano hitita firmava-se em promessas (de favores) e, também, em ameaças, caso houvesse desobediência ou infidelidade ao tratado.

A lealdade a Jeová, o Grande Rei dos israelitas, era algo semelhante, mas baseava-se em princípio diferente. Em vez de se referir a promessas de bênçãos futuras, mencionava o que o Senhor já tinha feito a favor de Israel.

A palavra chave na sociedade israelita era *responsabilidade*. Especificamente, o pacto com os israelitas exigia deles bom comportamento. Não era um tratado ou acordo entre duas partes iguais, mas apenas possível pela graça do Senhor em oferecê-lo ao povo. Vejamos cuidadosamente as suas implicações.

Em seis dos Dez Mandamentos há formulação negativa. Nelas são enumeradas as coisas que o servo de Jeová estava proibido de fazer em quaisquer circunstâncias.

Entre as exposições negativas da lei, mencionadas nas Escrituras, sobressai a do capítulo 19 de Levítico. Desde o princípio, e em termos bem claros, foi dada ao povo de Israel a única norma inalterável de comportamento. Os súbditos deviam ser santos, porque o Grande Rei é santo.

O cristão relaciona facilmente esta passagem com versículos de idêntico desafio no Novo Testamento. Mas não se procure a origem do conceito de vida de santidade em Bresee, Wesley, Paulo ou mesmo em Jesus Cristo. Antes, busquemo-la na própria natureza de Jeová, o Deus e Grande Rei de Israel. Por Ele ser santo, tem autoridade de pedir àqueles com quem fez aliança, que vivam em santidade e obediência.

Uma leitura rápida do capítulo 19 de Levítico mostrará o território que a vida de santidade deve abranger: as nossas relações, atitudes e todo o ser. Afecta por completo a vida do crente. Por ser a santidade um estilo de vida, diz respeito ao modo como tratamos os pais (v. 31), ao conceito de idolatria (vs. 4 e 31), às ofertas (vs. 5-8) e a como cultivar a terra (vs., 23-25). Proibe a

Santiago Velho Testamento

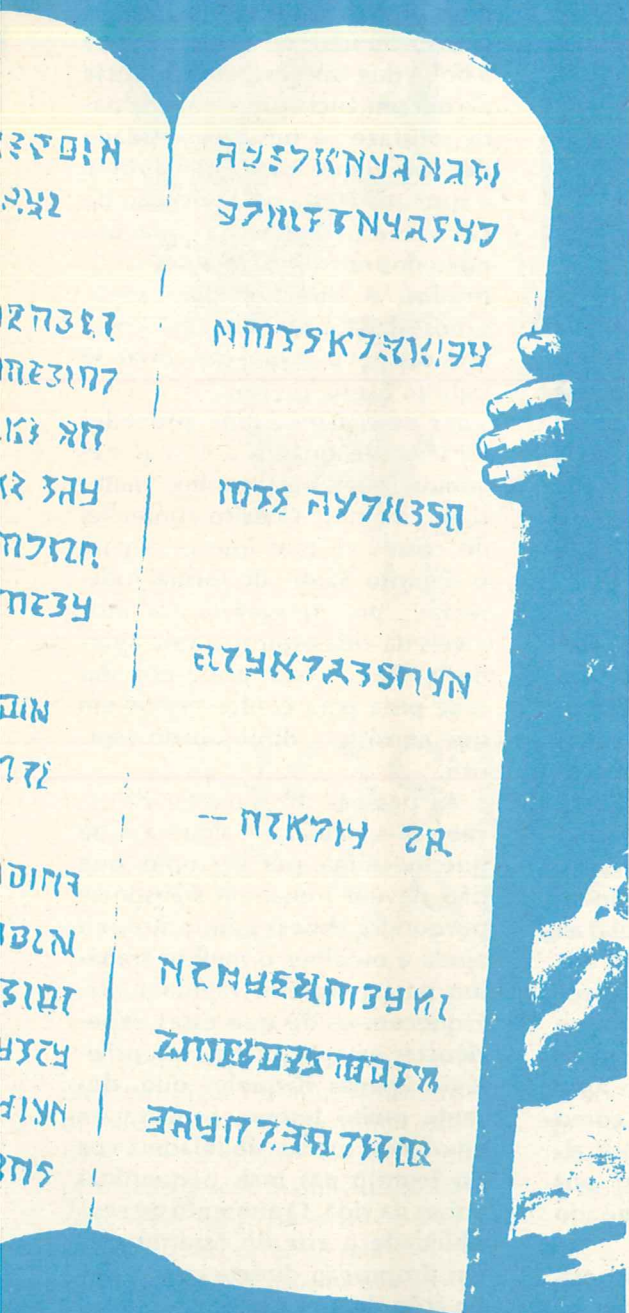


© Providencia

Adade no estamento

Levítico 19:1-18

—Charles Isbell*



mentira, o roubo e a fraude (v. 11); bem como a opressão (v. 13), a maledicência (v. 14) e a injustiça nos tribunais (v. 15). Trata de vários assuntos como o mexerico (v. 16), o sexo (vs. 20-29), a dieta (vs. 1-26) e a maneira de se apresentar (vs. 27-28).

A vida de santidade também afecta os negócios (vs. 35-36) e exige que o estrangeiro seja tratado como amigo (vs. 33-34). Não importa o que se pense a respeito destas normas, está bem claro que a santidade abrange todas as fases da vida e as obrigações de filhos de Deus.

Os versículos 17 e 18 devem ser considerados pormenorizadamente. "Não aborrecerás o teu irmão no teu coração; não deixarás de repreender o teu próximo, e nele não sofrerás pecado. Não te vingará nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo, como a ti mesmo."

O cristianismo do Novo Testamento não classifica esses conceitos de "pecado interior". Nem o Velho Testamento é tão legalista, como se afirma, ao considerá-los mera observância externa da lei. Quem sabe que uma pessoa tem ódio, se ela o guarda no seu coração? A resposta, somente Deus — de quem somos súbditos —, a pode dar. Até numa discussão nós devemos responder com prudência. O pecado nunca nos deve invadir por uma simples diferença de opinião.

O ódio, a vingança, o rancor e o amor — são qualidades difíceis de definir. No entanto, a responsabilidade ética dum servo de Deus, inclui temas como estes. Enquanto outros grupos se dedicam a ditar leis contra os crimes de ira ou ódio, os súbditos do Grande Rei esforçam-se por viver santamente, a ponto de não cometerem pecados.

Jesus não inventou um novo estilo de vida, quando falou do amor e do ódio. Simplesmente chamou a atenção do povo de Israel, para que regresse aos caminhos antigos, aos princípios fundamentais da sua responsabilidade. A vida ao serviço do Grande Rei sempre exigiu o comportamento definido por Jesus.

Consideremos a base da autoridade evocada pelos proponentes do pacto entre o Senhor e Israel, como recurso final. No capítulo 19 de Levítico aparece com frequência a frase: "Eu sou o Senhor (vosso Deus)". É a autoridade pela qual o súbdito obedece (vive em santidade) ao Grande Rei.

Nem aqui, nem no prefácio do Decálogo (Êxodo 20:1-2), se apontam ameaças de castigo pelo não cumprimento! A razão da obediência está na própria natureza de Deus. Por Ele ser quem é e ter feito o que fez, merece obediência e fidelidade.

Voltemos de novo à ilustração dos hititas. A base dos seus tratados era criar relações amistosas. Do mesmo modo, os israelitas, por meio do pacto, concordaram em reconhecer a soberania de Deus, que os livrara gratuitamente da escravidão, e aceitar as Suas condições quanto ao comportamento diário.

Evidentemente, a desobediência dos súbditos reclamaria a disciplina dum Soberano cheio de amor. Todavia, os acontecimentos futuros não devem ofuscar a verdade de que Israel e Jeová iniciaram as suas relações em ambiente de confiança e respeito. Devido à libertação gratuita e constante intervenção a seu favor, Israel aceitou sem hesitar a proposta do Senhor.

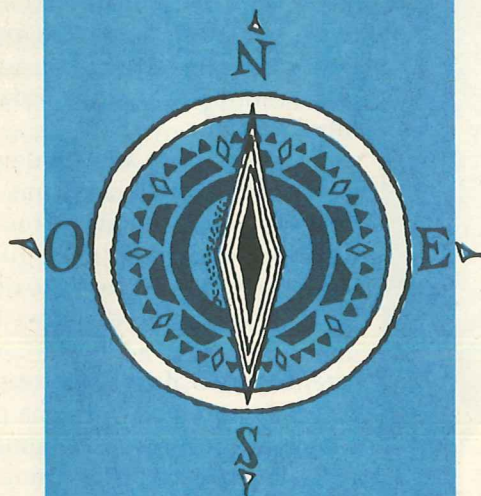
O que Deus lhe pediu era simples e compreensível. Servi-IO, significa vida de santidade, qualidade fundamental do procedimento ético e base da responsabilidade moral. □

*Professor do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City.

Às vezes recebo com grande entusiasmo determinada ideia. Mas, para minha surpresa, ela se desvanece em pouco tempo. A verdadeira voz de Deus é uma convicção que vai crescendo à medida que o tempo passa até se tornar evidente e compulsiva.

Apresso-me a desfazer duas impressões erradas, mas frequentes. Primeiramente não se deve pensar que o conhecimento da vontade de Deus para uma vida de serviço seja privilégio exclusivo de missionários e pastores. Dou graças a Deus pela hoste imensa de jovens cristãos ocupados em diferentes negócios e profissões, que conhecem a vontade de Deus para as suas vidas com tanta firmeza como qualquer ministro. Segundo, não se deve pensar que a direcção do Espírito seja apenas para as grandes crises da vida. O Espírito Santo tem interesse em todos os pormenores da nossa vida diária, por pequenos que sejam. Muitas das nossas decisões do dia-a-dia ficam ao arbítrio do nosso bom senso e critério santificado. Mas é possível depender ainda mais profundamente d'Ele e estar mais perto para nos dirigir nas coisas pequenas. Nem se deve deduzir desta exposição sobre as provas necessárias, que o depender da direcção do Espírito seja processo moroso e elaborado. Ao contrário, é certo que, pela experiência, se pode descobrir a mesma convicção que é direcção auxiliar para as impressões que dizem respeito aos pequenos pormenores da vida. Os problemas mais graves que não se resolvam de momento, podem-se deixar para outro dia e postos em oração permitirão, segundo os casos, a sua averiguação afirmativa ou negativa.

A vida torna-se terrivelmente difícil se não seguimos continuamente a direcção do Espírito Santo, não em sentido vago de inspiração deísta, mas numa relação íntima que transforma a nossa mente, inteligência, coração,



a mente espiritual

—E. Lewis Cattell

vontade e vida. Nesta íntima relação, a disciplina da primeira hora sossegada da manhã completa-se com a do conhecimento consciente da Sua presença e soberania em todas as coisas que vão e vêm durante o dia. Assim, tornamo-nos cada vez mais sensíveis à Sua pressão suave sobre o nosso coração que aqui nos estimula, ali nos repreende; dirige onde vamos, o que fazemos, o que dizemos, o que compramos, o que devemos responder ou não; quais os programas de televisão que podemos ver; quando e como devemos pedir desculpa por alguma palavra ofensiva, ou por uma acção que tenha magoado alguém.

Esta é a essência da disposição da mente espiritual. Não há limites para o desenvolvimento

da sensibilidade atenta à menor insinuação do Espírito Santo que nos guia em cada passo durante todo o dia. Faz-me pensar que a Sua direcção, mais do que voz audível, é pressão para agir. Devemos reconhecer que a direcção do Espírito se destina primeiramente a dar conceitos morais. Interessa-se mais em nos ensinar as coisas rectas, que devemos fazer, do que as prudentes. Não tem interesse em nos dar prognósticos infalíveis sobre como ganhar dinheiro, ou se amanhã vai chover ou não, ou como flutuará a bolsa de câmbios. Não é espécie de necromância ou astrologia para satisfazer a nossa curiosidade de saber o que irá acontecer hoje e que nos afasta da obrigação de conhecer as coisas da vida por meio dos nossos raciocínios santificados. A direcção do Espírito é-nos dada para que conheçamos o aspecto moral das coisas. O Espírito Santo interessa-se em ensinar os cristãos como proceder cristãmente quanto aos seus negócios, quer haja ganhos materiais quer não. O êxito comercial do cristão só tem interesse para o Espírito Santo de forma indirecta: prefere guiá-lo nos altos níveis da vida espiritual que agrada a Deus. Isto pode-nos dar uma pista para conhecermos em que consiste a direcção do Espírito.

As pessoas desejam ter direcção espectacular, — alguma coisa que lhes diga, por exemplo, que não devem tomar tal transporte porque irá chocar com outro, ou ajuda a escolher o melhor trabalho para progredir rapidamente. Esquecem-se de que essas experiências extraordinárias são privilégio apenas daqueles que, durante muito tempo, procuraram amoldar a sua sensibilidade à voz do Espírito nas mais pequeninas coisas da vida. O aumento de sensibilidade à voz do Espírito está em proporção directa com a disposição de Lhe obedecer em todos os momentos. □



HOSTILIDADE E SANTIDADE

—Donald S. Metz

A hostilidade contra o próximo não tem lugar na vida de santidade. Contudo, parece difícil pessoas de santidade discordarem sem caírem nas malhas da inimizade. São frequentes as oportunidades para cortes de relações.

O gosto pela música varia. As respostas ao apelo no fim das mensagens apresentam profundo

contraste. As reacções aos cultos de adoração diferem muito. O interesse pelos métodos de ensino reflectem opiniões e preferências pessoais.

Divergências são inevitáveis — mas a hostilidade, devida a opiniões diferentes, não deve existir naqueles que têm a plenitude do Espírito Santo. Mesmo onde exis-

tem diferenças de doutrina, as pessoas verdadeiramente santificadas actuam de harmonia com o amor cristão.

Como podemos, então, manter equilíbrio espiritual nas nossas divergências? Como podemos manifestar amor em vez de hostilidade?

1. Mostre respeito pelos outros e actue dentro dos moldes da cortesia. A pessoa que, como um tractor, empurra tudo para fora do seu caminho, despreza os direitos alheios. Mostra falta de respeito pelo próximo.

2. Mantenha a sua posição ou opinião com calma e clarividência. Reacção emocional forte por pequenas divergências é criança. O sarcasmo representa um quadro pobre da santidade.

3. Trate de problemas ou conceitos, sem ferir as pessoas. Discuta o assunto. Apresente factos e razões com bom humor. Nunca ataque pessoalmente o opositor.

4. Aceite com agrado a decisão da maioria. Só um ditador é que consegue sempre os seus intentos. A santidade pessoal ajuda-nos a ceder graciosamente, mesmo quando temos boas razões a nosso favor.

5. Os assuntos doutrinários devem ser positivos, moderados e bíblicos. As divergências na crença produzem geralmente entre as pessoas de santidade maior hostilidade. Por estarmos tão comprometidos, cremos profundamente — e, por isso, facilmente criamos inimizade com quem discorda.

O apóstolo João estava interessado na doutrina; e nós também. Ela é essencial. A nossa crença determina o nosso procedimento. Todavia, mesmo as diferenças de doutrina não devem criar hostilidade. Podem produzir tristeza, preocupação, discussão, frustração — até separação — mas nunca inimizade!

A santidade sem hostilidade é o maior testemunho da verdadeira doutrina. □

escape OU VITÓRIA?

—J. H. Mayfield

Quando T. S. Eliot escreveu —
(É esta) a maior traição:
Praticar uma acção recta
Por uma injusta razão,

revelou uma das perguntas mais desconcertantes da vida, *por que faço isto?* É só para poder escapar ou para alcançar vitória? Há diferença — posto que nem sempre de fácil percepção.

Ao enfrentar a sua responsabilidade quanto ao pecado, a primeira inclinação do homem é escapar, fugir. Adão fugiu da presença de Deus.

Ao lembrar o próprio esforço para escapar, Davi escreveu: "Se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também" (Salmo 139:8). Não há maneira de fugir de Deus. Ele é a última palavra. É o único caminho. É a única verdade.

Quando alguém aprende e deseja andar na presença de Deus, então e só então, alcança vitória. Perante o profeta Natã que denunciou o seu pecado, Davi só teve vitória quando disse: "Eu sou esse homem". Isaías experimentou a purificação pelo fogo do altar quando, na presença de Deus, reconheceu e admitiu o que era — "um homem de lábios impuros".

O imperativo divino é: "Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1:16). Não há escape. Mas pode haver vitória!

"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça" (I João 1:9). O "se confessarmos" — isto é, tomarmos a responsabilidade de admitir a nossa culpa, em vez de fugir, racionalizar e desculpar-nos — é a chave. Quando confessamos os nossos pecados e nos identificamos com eles, iniciamos o curso da vitória.

O imperativo divino também nos fala, por vezes, das relações que devem existir com os outros seres humanos — todos pertencem a Deus. "Amai o próximo. Orai pelos que vos maltratam. Amai os vossos inimigos" (Mateus 5:43-44). Perante tal situação, surge de novo a pergunta: Escape ou vitória? Têm sido delineados vários modos clássicos de escapar.

Jesus falou acerca de dois religiosos confessos — um fariseu e outro levita — que escaparam deixando o próximo necessitado à beira da estrada. Entretanto, um desprezado samaritano alcançou custosa vitória.

O argumento muito em voga, "Eu não quero envolver-me nisso", tem constituído a linha de demarcação entre escape e vitória. Certo, o envolver-se pode custar, acarretar perigos para a reputação e o comodismo, mas traz vitória.

Deus não prometeu facilidades ao que ama, ao que se interessa e se envolve na edificação do Seu reino. Mas prometeu ajuda, companhia e recompensa.

*Na berma tenebrosa da estrada,
Onde jaz o doente e o ferido
Gemidos imploram compaixão.
Como podes tu passar adiante?*

*O Salvador recruta teu amor
Ao serviço da fome e da dor;
Dá tudo mais que possas conceder.
Ao regressar, Seu reino te abrirá.*

Outro dos imperativos divinos a que procuramos escapar é o de nos amarmos a nós próprios. "Ama o teu próximo como (te amas) a ti mesmo." A auto-estima, o auto-respeito, o que achamos de nós próprios, são elementos de valor. Encara-se alguém a si mesmo como é na realidade? Não, procura apenas escapar. E existem tantos modos de o fazer, alguns já experimentados! Bebidas alcoólicas, drogas (mesmo receitas), excesso de sono, e doenças fingidas, constituem avenidas de escape para a auto-destruição.

Certos estudantes fogem às suas obrigações desculpando-se com as doenças. A responsabilidade pode incluir exercícios, chamadas e exames, ou o que reconhecem ser a chamada de Deus para as suas vidas. Um jovem é capaz de ficar na cama de manhã com dores numa perna, só para não fazer a prova de grego, mas de tarde já se encontrar completamente curado! Pode ter fugido ao exame, mas perdeu o sabor da vitória!

Desprezar-se sob a capa de humildade é outro modo de fugir à realidade e à própria verdade. "Eu não sou bom" e "Não posso fazer nada" — são posições inaceitáveis e que não conduzem à vitória.

Ninguém gosta duma pessoa egoísta (a não ser ela mesma), mas o desprezo de si mesmo frustra a manifestação da pessoa autêntica.

Deus espera que o ser humano se lembre que foi feito à Sua imagem e que, através de Seu Filho, se torna um homem perfeito até chegar "à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Efésios 4:13) — O qual não foi egoísta, nem se desprezou a Si mesmo. Ele sabia de onde vinha, quem era e qual o propósito que O trouxera ao nosso mundo.

Embora Jesus fosse provado e tentado a escapar à Cruz, enfrentou-a corajosamente conforme a vontade do Pai. Porque o fez, saiu Vencedor. Também nós triunfaremos se buscarmos e seguirmos a vontade de Deus. □

(Autor desconhecido)



a ceia e a vida

—Armando Sá Nogueira*

Foto por Florence Sharp

Sendo a Santa Ceia uma instituição do próprio Filho de Deus— Jesus Cristo — urge preservá-la.

Sabemos que em si mesma não nos concede qualquer dom espiritual. Mas, aquele que não vive em santidade, também não está preparado para participar nela e, em vez de bênção, receberá condenação.

Há relação entre a Santa Ceia e a vida de santidade dos que nela participam.

Todas as vezes que chegamos à mesa de comunhão estamos a recordar o sacrifício de Jesus. O escritor aos Hebreus diz: "Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados" (10:14).

Avivado simbolicamente tal sacrifício em cada Santa Ceia — o próprio rito nos recorda a vida de santidade, um ajustamento da nossa conduta à suprema vontade do Senhor.

Não podemos abeirar-nos da Santa Ceia com sentimento de culpa. "Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor" (I Coríntios 11:27). Há crentes — jovens e adultos — que participam sem a devida reflexão. Segundo as Escrituras, "estão pecando contra o corpo e o sangue do Senhor". E, como afirma um erudito bíblico: "Colocam-se do lado dos inimigos de Cristo que O crucificaram".

No culto da igreja medieval, a administração dos sacramentos chega a ocupar a parte principal da adoração. Atribuía-se aos sacramentos poder salvador. Isto, independentemente da condição espiritual do participante. Receber o batismo era ser automaticamente regenerado; participar da comunhão era receber a vida de Cristo.

É evidente que dissociavam a Santa Ceia da vida de santidade. Estamos certos que os cristãos do nosso tempo são mais conscientes.

Se notarmos bem, veremos que há dois pecados no Novo Testamento que o Senhor não tolera:

1. "... Se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado nem neste século nem no futuro" (Mateus 12:32).

2. "Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor" (I Coríntios 11:29).

Temos aqui estreita relação entre a Santa Ceia e a santidade: o pecado contra o Espírito que santifica não tem perdão; e participar indignamente na mesa de comunhão será castigo divino.

Ponderemos, cheguemos "em inteira certeza de fé". Sairemos robustecidos e iluminados pela comunhão que aviva a memória espiritual e nos identifica com o Senhor que a instituiu.

*Praia, Cabo Verde



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

GOZO SEM IGUAL B.E. WARREN

B.E.W.
Humberto P. Ferreira, Trad.

Em Je - sus a - chei com - ple - ta paz. Tu - do quan - to me é mis - ter.
Eu bus - quei no mun - do al - gum pra - zer. Que pen - sei ser de - va - lor:
U - ma es - pe - ran - ça e - ter - na a - chei. Jun - to aos pés do Sal - va - dor:
Oh! ja - mais pa - la - vras con - ta - rão Tu - do o que Je - sus me faz.

E a Su - a gra - ça sa - tis - faz To - da ân - sia do meu ser.
Só, po - rém, na fé eu vim a ter Pe - no go - zo no Se - nhor.
E vi - tá - ria e luz eu en - con - treí Ri - cas re - den - ção do a - mor.
Pois em ca - da no - vas são bé - n - çãos que me traz.

FELICIDADE PERENE

—Ross W. Hayslip

per - du - rá - vel Te - nho em Cris - to, o meu Re - den - tor.

Um escritor contemporâneo descreveu o pessimista como uma pessoa que crê que o futuro é incerto. Pessoas com tais ideias abundam na nossa sociedade. O seu reflexo encontra-se na literatura, nos sistemas políticos e na vivência da maioria dos homens. Abandonaram alvos e aspirações elevadas. Procuraram adoptar uma filosofia egoísta.

Parece que andamos sem rumo e sem qualquer interesse em fixar alvos. O surgimento da era espa-

cial, com toda a sua tecnologia, cobriu-nos com uma nuvem de incerteza e desespero.

Deus disse que o caminho do justo é como a luz crepuscular, começa a alumiar gradualmente o horizonte, até que sai o sol dando início a um novo dia. O homem que anda no caminho da santidade nunca é pessimista. O seu passado de pecados foi purificado pelo precioso sangue de Jesus Cristo; sua natureza carnal achasse transformada pelo poder do

Espírito Santo. O mesmo Espírito lhe dá graça quotidiana para obter vitória sobre o pecado e agradecer a Deus as Suas dádivas. O crente sabe que o seu futuro é glorioso; porquanto a Palavra de Deus diz que os limpos de coração O verão. O caminho de santidade conduz ao reino celestial. O santificado tem a certeza da glória futura.

As doutrinas de Jesus permanecem firmes no meio da corrupção e imoralidade que nos cercam. O Senhor conhece os Seus e sabe que, com a Sua graça, podem levar uma vida separada do pecado. Num mundo de cepticismo e dúvida, podemos possuir fé inquebrantável, fruto da mais íntima comunhão com Deus. Não duvidamos do amor das pessoas com quem mantemos amizade. Paulo declarou: "Porque eu sei em quem tenho crido" (II Timóteo 1:12).

A morte não amedronta os que andam em santidade. Balaão exprimia o desejo de ter a morte de um justo. João Wesley, referindo-se aos metodistas, afirmou: "O nosso povo morre bem". O fim da vida terrena marca o princípio da celestial. A inteira santificação capacita-nos a ver, para além da tumba, a luz radiante do Lar Eterno. A marcha fúnebre transforma-se em marcha triunfal; e as lágrimas de luto, no óleo santo com que somos unguídos.

A santidade é felicidade! E a felicidade que o Espírito Santo dá, é perene. O fogo não a consome, nem as muitas águas a arrastam ou afogam. O homem santificado é eternamente feliz. □

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

CAMPO É MUNDO

NOVOS MISSIONÁRIOS

A Junta Geral da Igreja do Nazareno anunciou a nomeação de vinte e sete novos missionários, alguns já designados para certas áreas do mundo:

Rev. Dana Harding, Suazilândia; Rev. Michael Shalley e esposa, Transval-África do Sul; Srata. Veora Tressler; Rev. Steve Langford e esposa, América Latina; Rev. Wesley Harris e esposa; Rev. Doug Perkins e esposa; Rev. Bill Selvidge e esposa, Hong Kong; Rev. Charles Gates e esposa, República da África do Sul (Norte)*; Timothy Mercer e esposa, Coreia; Sr. Warren Neal e esposa, Papua, Nova Guiné; Rev. Lindell Browning e esposa, estudo de línguas árabes; Dr. David Falk e esposa.

O Dr. Bienvenido Nacionales e esposa, mais a Dra. Norma Bajojo, foram recomendados para a categoria de missionários de carreira. O Rev. Byron Bloom e esposa serão enviados à Austrália, em missão especial.

*Não confundir com o casal Gates, missionários em serviço no Brasil desde Setembro de 1958.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

O Dr. Mark R. Moore, presidente da Faculdade Nazarena de Trevecca, foi eleito para o cargo de Director Executivo do Departamento de Educação e Ministério da Igreja do Nazareno.

Estas funções vinham sendo desempenhadas com zelo e competência pelo Dr. Edward S. Mann, recentemente aposentado.



Dr. Mark R. Moore



Dr. Edward S. Mann



A família Crow, embaixadores nazarenos em Paris, França.

FRANÇA

Encontram-se já em Paris os missionários Walter e Linda Crow, veteranos do trabalho nazareno na República do Haiti, agora designados para o estabelecimento da Igreja do Nazareno em França.

A família Crow visitará os demais distritos nazarenos europeus para, com os respectivos líderes, ponderar áreas de interesse e estratégia comuns.

PROGRAMA DE RÁDIO PARA A INDONÉSIA

O indonésio (malaio) é o décimo-nono idioma em que passou a ser transmitido o nosso programa de rádio.

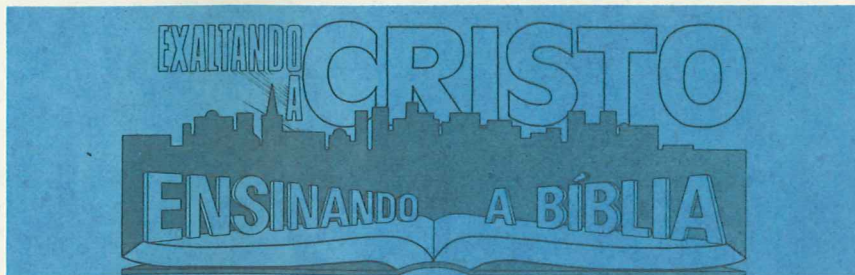
É orador o Rev. Ishak Sugianto.

Crê-se que jovens de menos de vinte anos representam oitenta por cento da população do país.

Assim, "A Hora Nazarena" dos indonésios é especialmente preparada para este sector, o que também mais escuta a rádio.

O Departamento de Comunicações Nazarenas já expandiu consideravelmente o nosso ministério internacional da rádio. Dos três idiomas anteriores — inglês, espanhol e português —, vimos nos últimos quatro anos a inclusão de muitos mais: francês, chinês, creoulo do Haiti, italiano, japonês, coreano, marati, quechua, pokomchi, africaans, shangaan, tswana, zulu, indonésio, pedi e sotho.

Visão, apoio e contribuições generosas dos membros da Sociedade Missionária Nazarena tornam possível o ministério mundial dum programa-chave: A Hora Nazarena. □



EUROPAISCHE BIBELSCHULE AND SEMINAR PHH
POSTFACH 109
8201 SCHAFFHAUSEN
SWITZERLAND

Veja só o tesouro que JÓIAS FAVORITAS I TEM PARA VOCÊ:

AMIGO
A FONTE VIVA
A HISTÓRIA DE AMOR
AMO SÓ A JESUS
ANJOS SEM CONTA
BENDIZE AO SENHOR
CONHEÇO O SENHOR
CONHEÇO UM NOME
CRISTO COMIGO IRÁ
CRISTO ME ENCONTROU
CRISTO MORREU POR MIM
DE TAL MANEIRA ME AMOU!
DEUS CUIDARÁ DE TI
DEUS O SABE
É CRISTO MEU AMIGO
ELE HABITA
ESTE PAR DE MÃOS
ETERNAS GLÓRIAS
EU PERTENÇO AO MEU REI
EXULTAÇÃO
GOZO SEM IGUAL
GRANDE É A TUA FIDELIDADE
HONRAS AO CORDEIRO
JESUS NOS MANDA
MAIS JUNTO A TI
MAIS PERTO DE TI
MAIS QUE A VIDA PARA MIM
MEU TERNO JESUS
NUNCA ESTOU SÓ
O CAMINHO DO CALVÁRIO
O CÉU DESCEU!
O JARDIM DE ORAÇÃO
O NOME SEM IGUAL
O QUE DEUS PROMETE
PURIFICA-ME
QUEM MANDA NO FUTURO
SANTIDADE AO SENHOR
SEMPRE FIRME
SÓ EM JESUS
SÓ NO SANGUE DE JESUS
SOU FELIZ
TOMOU MINHA CARGA
TORNOU-SE POBRE
TRANSFORMOU-ME
VINDE, SEDENTOS



Livro de música — PM-008
45 números inspirados!

Faça hoje a sua encomenda à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES

Preço U.S. \$2.00 (dois dólares)